

Perfil não é de frente - Jerê: Histórias de um jornalismo {contadas} destilado¹

Renata Cabrera Borges²
Universidade Norte do Paraná - UNOPAR

Resumo

O trabalho³ é um livro reportagem de perfil que reconstrói a trajetória do jornalista londrinense Edson Vicente, o Jerê, que atuou durante 20 anos na imprensa local. Para o desenvolvimento da pesquisa e execução do produto final recorreu-se aos conceitos de livro-reportagem, reportagem de perfil e new journalism. Neste sentido, foi imprescindível uma revisão bibliográfica sobre o tema, além de pesquisa de campo que inclui levantamento de informações e dados em arquivos como da Biblioteca Municipal de Londrina e Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina. A partir das pesquisas documentais foi possível estabelecer as fontes ligadas ao personagem para a realização das entrevistas. Os episódios relatados possibilitaram traçar um perfil em que se trouxe à luz as controvérsias e histórias envolvendo o personagem e seu contexto.

Palavras-chave

Jornalismo; literatura; linguagem; perfil; memória.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo principal a reconstrução das memórias sobre a vida do jornalista Edson Vicente, o Jerê, que contribuiu para um momento singular na história da imprensa em Londrina. A partir da construção de um perfil jornalístico, mais do que conhecer a vida do personagem em questão, o projeto também busca recuperar outras figuras importantes que viveram na mesma ocasião, e cooperaram igualmente para a experiência jornalística da época.

Através da narração de episódios da vida do indivíduo, pretende-se criar, na medida do possível, uma aproximação do contexto histórico através de entrevistas, descrições (de espaço físico, épocas, feições, comportamentos e intimidades) e caracterizações por meio do que o personagem revela.

1. 1. Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

2. Graduada em Comunicação Social e atualmente mestranda do programa de Comunicação Visual pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. E-mail: rcabreraborges@gmail.com

3. Deste trabalho surgiu a pesquisa para o projeto iniciado no Mestrado, intitulado Paraná Norte: tirocínio e afetação na Imprensa londrinense - Análise das ilustrações gráficas na primeira edição do Jornal Paraná Norte (PN) em julho de 1986, Londrina, que continha 400 páginas e 13 cadernos.

No desenvolvimento deste trabalho, foram referenciados autores para a discussão bibliográfica e teórica do projeto. Neste sentido, buscou-se discutir os conceitos de Livro Reportagem e de Reportagem de Perfil, para facilitar o caminho até encontrar a melhor configuração de formar os primeiros núcleos de pesquisa, estabelecer limites e escolher determinadas abordagens.

LIVRO REPORTAGEM

Para a realização do livro reportagem foi utilizada a técnica de entrevista do ponto de vista jornalístico que, segundo Cremilda de Araújo Medina, só é válida se possibilitar o diálogo. A autora acredita que quando há a conversa autêntica, entrevistado e entrevistador saem diferentes do encontro.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. (MEDINA, apud CAPUTO, 2006, p. 26).

O livro-reportagem é um veículo de comunicação jornalístico bastante conhecido nos meios editoriais do mundo ocidental. Desempenha um papel específico de prestar informação ampliada sobre os fatos, situações e ideias de relevância social, envolvendo uma variedade temática expressiva.

Muitos jornalistas usam o artifício desta ferramenta mais ampla dentro dos demais gêneros jornalísticos para empregarem de experiências factuais e transformá-las em roteiros criativos que não fiquem atrelados ao tamanho, pressa e adequação textual dos materiais publicados, por exemplo, em jornal diário.

“(…) O livro reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão, até mesmo pela internet quando utilizada jornalisticamente nos mesmos moldes das normas vigentes na prática impressa convencional. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística”. (LIMA, 2003, p. 4).

O ponto de partida é construir um conceito básico de livro-reportagem. E, se por um lado, a tarefa de pesquisa pode parecer chata e cansativa, por outro lado faz com que quem escreva entre na dimensão específica, ou seja, faça uma imersão de um determinado ambiente que se vai estudar e, conseqüentemente, se aproxime de forma mais pessoal. Estar

“frio” e distante em relação ao assunto é necessariamente a coisa mais importante para não se fazer um bom livro-reportagem.

Todavia, a reportagem pode se adequar a diversas formas e apresentar mais de um modelo de estruturação. Um deles, entre outros, está inserido na qualidade de livro-reportagem descritivo. Portanto, parte-se do pressuposto de que haverá sempre fragmentos portadores de informações sobre as personagens, os objetos, o tempo e o espaço que configuram o cenário das ações. Estas informações servem para enraizar o texto na realidade, e segundo Oswaldo Coimbra, “sua acumulação cria o ‘efeito de real’, gera verossimilhança”. (COIMBRA, 1993, - p. 109).

Seguindo à risca a todos os conselhos técnicos, a responsabilidade de quem parte para uma grande reportagem é, principalmente, de um desafio profissional. A única maneira de diminuir os riscos é realizar uma etapa aprofundada de pesquisa antes de iniciar as entrevistas. Buscar em arquivos diversos, de acordo com o tema escolhido, o que já se publicou sobre o tema, documentos, pesquisas, levantamentos, não só para informar-se sobre ele, mas para não repetir uma história já contada. Depois, estruturar com muita calma um roteiro. “Saber direito quem você deve procurar em cada ponto desse roteiro, quais são os personagens, situações e lugares mais ricos. O que vier a mais, de imprevisto, é lucro” (KOTSCHO, 2000, p. 72).

Oswaldo Coimbra destaca nos estudos sobre livro-reportagem a importância dos fragmentos descritivos. A descrição de um determinado ambiente pode levar o leitor a entender o desenrolar da história, além de proporcionar indícios da sequência de ações que os personagens desenvolvem. Portanto, os fragmentos descritivos de uma reportagem podem, e devem definir a naturalidade da história.

Mesmo tomando todos os cuidados com a linguagem e, sobretudo, as ferramentas para o uso desta linguagem, é importante atingir compreensão sobre o objeto em questão. Em busca do aprofundamento, o livro-reportagem não tem como argumento principal a teorização dos fatos, mas a proposta final é a compreensão em si sobre determinado sentido. Por isso, é usual a entrevista aparecer como um depoimento coletado, ora com trechos mais longos e outros nem tanto, mas sempre relacionados à importância e a condição do simples aval sobre o tema que se discute.

REPORTAGEM DE PERFIL

No que diz respeito a construção de um livro reportagem de perfil, a escrita é baseada na prática do Jornalismo Literário, uma técnica narrativa que diferentemente da reportagem, demanda o posicionamento pontual do repórter; levando em conta suas observações do lugar, tempo e espaço. Não tão somente o repórter é responsável pela reprodução dos fatos, mas principalmente pela captação dos mesmos, a fim de transmitir os detalhes que normalmente não seriam consumidos pela notícia. É sob uma perspectiva de interferência que o repórter fica habilitado a construir o perfil.

Não é necessário o personagem em questão estar relacionado a fatos para justificar a biografia. Neste jogo de subjetividades, a ironia está em arrancar o indivíduo estimado de uma ditadura da performance, para traduzir o ‘parecer ser’ no ‘ser’.

A desinteligência entre o jornalismo diário frenético e a construção do perfil está em descolorir os aspectos noticiosos exteriores ao personagem. Assim, a persona passa a ter mais importância que o “gancho” para justificar jornalisticamente o perfil. Segundo Sérgio Vilas Boas, argumentos como o lançamento de um livro, uma obra inédita ou um prêmio recebido, “erguem e derrubam castelos. Escravizam redações”.

“Ao eliminarmos os apelos fáceis e óbvios, o que vem à tona é o evento da entrevista, a vida do personagem, sua trajetória, seus altos e baixos, suas realizações. A despeito de certas teorias recentes, acredito que sujeito e obra são inseparáveis. Com base em criações, formulações e estilos podemos extrair elementos que nos ajudam a compreender melhor o indivíduo” (VILAS BOAS, 2003, p. 11).

Embora jornais e revistas estejam cada vez mais disputados por avalanches de elementos fragmentadas, textos mastigados e pílulas de informação em detrimento de boas leituras que hipnotizam e ficam guardados na vida do leitor, a desconstrução de ideias que este trabalho tem por objetivo, busca contrapor a realidade.

“Acredito que os leitores sempre encontrarão tempo para narrativas que identificam seus destinos com o destino de outras pessoas (...). O problema é que simplesmente desapareceram as reportagens hipnotizantes, aquelas que nos fazem esquecer o pão dentro da torradeira no café da manhã, perder o ônibus ou dilatar nossa ida ao banheiro durante o horário de trabalho” (VILAS BOAS, 2003, p. 12).

Um dos critérios mais importantes levantados pelo autor Sérgio Vilas Boas, é a subjetividade. Ele atenta em criar diálogos, dar lugar às conversas e se lembrar de que um perfil não é de frente. Do contrário, não se chamaria perfil. O processo é interativo e não uma entrevista de pingue-pongue. Não abriga o factual, pretextos ou idealizações.

NOVO JORNALISMO

Tom Wolfe, em *Radical Chique e o Novo Jornalismo* (2005), relata as primeiras vivências no jornalismo, as quais o levaram até o status de ‘pai do jornalismo literário’.

“Deus sabe que eu não tinha em mente nada de novo, muito menos algo literário, quando arranjei meu primeiro trabalho em jornal. Eu tinha uma fome voraz e nada natural de outra coisa inteiramente diferente... Repórteres bêbados na marquise do News fazendo xixi no rio Chicago ao amanhecer... Noites em claro no saloon ouvindo “Back of the yards” (No fundo dos quintais) cantada por uma voz de barítono que era apenas uma sapatona cega e solitária com bolotas de vidro leitoso no lugar dos olhos... Repórteres não trabalhavam durante o dia. Eu queria o filme inteiro, sem deixar nada de fora”. (WOLFE, 2005, p. 10).

De personalidade questionadora e inquieta, *Radical Chique* revela em Tom Wolfe a clara evidência de que o autor esperava algo a mais do jornalismo quando resolveu sair em busca de ‘vida real’, e foi parar em 1962 na editora local do New York Herald Tribune. Como descreve Joaquim Ferreira dos Santos no posfácio do livro, “Tom Wolfe teria observado o ambiente cheio de destroços e cansaço por toda a parte, um autêntico latão de doações da legião da boa vontade, e que vai entender, gostou” (SANTOS apud WOLFE, 2005, p. 242) E rapidamente começou a responder por cadernos especiais e reportagens em suplementos.

Hoje, fica quase impossível pensar a relação que a literatura e jornalismo tinham naquelas alturas dos anos quarenta e cinquenta, embora Tom Wolfe afirme em *Radical Chique* que o romance não era uma mera forma literária, mas um ‘fenômeno psicológico’, pois “se um jornalista aspirava a status literário, o melhor era ter o bom senso e a coragem de abandonar a imprensa popular e tentar entrar para a grande liga” (WOLFE, 2005, p. 18).

Toda esta censura era necessária para se entender o que estes escritores, e tão pouco sonhadores, encontravam-se por viver nestas experiências que passariam nos próximos dez anos. A ironia estava em que, como jornalistas, eles “roubariam do romance o lugar de principal acontecimento da literatura” (WOLFE, 2005, p. 19), como afirmou Tom Wolfe, pois “não se tratava de conto, era um lead clássico do Novo Jornalismo” (WOLFE, 2005, p. 19).

No posfácio de *Radical Chique*, Joaquim Ferreira dos Santos, conta como foi a surpresa de conhecer os primeiros autores que fariam deste gênero o que hoje é conhecido como jornalismo literário:

“A primeira vez que eu vi alguma coisa debaixo do rótulo de Novo Jornalismo tinha um sujeito, Gay Talese, cravando em 34 quilômetros o que ia de fio dental,

diariamente, entre os dentes do nova-iorquino. Achei que era para usar o jargão das redações, chute. Depois encontrei Hunter Thompson alucinado, se dizendo cheio de drogas, escrevendo sobre a jogatina em Las Vegas. Achei que era mais deslavada ficção. Em busca de uma narrativa dramática, os fatos seriam comprometidos na sua verdade” (WOLFE, 2005, p. 237).

Livres da pirâmide invertida, Joaquim Ferreira dos Santos, comenta Radical Chique, atribuindo a responsabilidade dos jornalistas daquela época a ampliação da linguagem literária elevando a outro nível o jornalismo, que não mais se prenderia a perguntas como “o que”, “quando”, “onde” (...) e soltaria “o relâmpago de verbos e substantivos que desse sentido maior ao apressado pelas palavras”, como ele mesmo exprime nas páginas do posfácio.

Caminhando sob os trilhos de Wolfe, paralelo a Radical Chique, outro bom exemplo seria a história do jornalista-escritor, já citado, Gay Talese; que elevou a reportagem biográfica ao seu mais alto nível de polimento e sofisticação.

No início da produção da reportagem Frank Sinatra Has a Cold (1966), Talese pousou em Los Angeles para um encontro, mas Sinatra se recusou ser entrevistado por conta de um suposto resfriado. O escritor retrata em palavras o temperamento imprevisível e especialmente mal-humorado do artista.

Talese seguiu os passos de Frank Sinatra por lugares dos mais variados e transcreveu diálogos e detalhes, que só mesmo quem estivesse no ambiente poderia sentir. “Sinatra Has a Cold mostra como o astro e sua trupe de então interagem entre si e com o resto do mundo; aponta as colisões entre a celebridade e os mortais”. (VILAS BOAS, 2002, p. 95).

E por último, mas não o menos importante, surge um rapaz jovem atraído pela mesma linha que Wolfe já estabelecera, mas marinado no álcool, abrandado em químicos, e imerso no que sobrara da Geração Beat, Hunter S. Thompson dá ainda mais tempero ao Novo Jornalismo, estreando no que ficaria conhecido como Jornalismo Gonzo, uma variante dentro do jornalismo literário.

Uma mistura do real com o ficcional e que nem sempre era considerado jornalismo de fato, mas era o que a experiência vívida e autêntica tinha de mais próximo com a nova onda de estreitar ainda mais a relação do autor, (jornalista), com o personagem (fontes e demais pessoas que surgiriam ao longo da captação de informações para as matérias, histórias, ou reportagens especiais).

Hunter procura escrever a respeito de seus mais intensos ensaios sobre o jornalismo à medida que tem seu trabalho viciado pelos jornais nova-iorquinos. Algumas publicações como Rum, Diário de um Jornalista Bêbado (1998), - que narra uma experiência em Porto Rico - e Medo e Delírio em Las Vegas (2007), onde o jornalista se liberta de algemas impostas anteriormente, e se declara por fim, fruto da geração de contracultura, Thompson descreve com emoção suas experiências dentro e fora do expediente, sob o efeito do álcool e das drogas. Ele não queria apenas contar e compartilhar relatos jornalísticos, mas, queria vivê-los e senti-los. Tudo, com muita intensidade.

LINGUAGEM

O fato de os atos e as reações de uma personagem deixar transparecer, ainda que de maneira fluida, as suas características, tem enorme importância na estruturação de um perfil. É a possibilidade de descrever uma pessoa contando o que ela faz e como faz, permitindo a incorporação num texto descritivo de trechos narrativos.

Nem sempre a expectativa do ser em questão é correspondida no momento da entrevista. E é por este motivo que o repórter não deve criar estereótipos sobre o personagem. Permitir a locução direta da persona implica em dar liberdade de voz, atitude e compreensão. Tanto para o repórter, como para o personagem, esta ferramenta é mais do que importante a fim de imergir no oceano da subjetividade.

Para o autor Edvaldo Pereira Lima, perfil jornalístico trata-se de uma categoria incluída dentro das classificações de livro-reportagem; no caso, livro-reportagem-perfil. Uma variante dessa modalidade é o livro-reportagem-biografia, quando um jornalista, na qualidade de ghostwriter, ou não, centra suas baterias mais em torno da vida, do passado, da carreira da pessoa em foco, normalmente dando menos destaque ao presente.

O autor define como perfil, uma obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se relevante. No primeiro caso, o motivo é absoluto e certo, mas no segundo, o autor defende que a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão.

“O perfil humanizado é o livro-reportagem que concede à entrevista a máxima possibilidade de alcançar dimensão superior ao que raramente seria aceitável nos veículos periódicos (...) No livro, todo o texto pode apresentar-se em forma de

entrevista. Há a pauta, mas também coexiste a flexibilidade de o entrevistador momentaneamente abandoná-la para entrar numa variante mais empática com seu entrevistado”. (LIMA, 2002, p. 113)

Portanto, é preciso ter em mãos - e em mente - a liberdade. Possibilidades, circunstâncias e probabilidades também são essenciais, pois quando o Perfil se apropria do método jornalístico em conexão à técnica literária, mais do que ouvir com atenção às entrevistas e falas dos personagens envolvidos, é determinante entender-se o ‘encontro’.

É no encontro que a fala vira aspas, a ‘palavra ao vento’ torna-se informação sólida, e o conflito entre uma voz e outra, se define em assunto; assunto, este, que trará o gancho para a reportagem e o manejo para escrevê-la.

PRODUÇÃO

O primeiro contato com o personagem se dá através das pesquisas em acervos da cidade, como o Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual Londrina e o Arquivo da Biblioteca Municipal de Londrina. Ambos foram importantes nessa primeira fase para uma aproximação junto ao contexto da época em que viveu o personagem Edson Vicente pois, paralelo à pesquisa bibliográfica, era preciso fazer uma pesquisa de campo a fim de levantar os nomes de jornalistas que trabalharam na mesma época de Jerê.

Todas as entrevistas foram captadas, gravadas e transcritas incluindo um breve relatório contextual. Desde observações pessoais no momento do encontro, ao contato expresso por meio dos gestos, abordagem, flexibilidade e pré-disposição da fonte em falar a respeito do personagem. No total foram realizadas dezoito entrevistas, sendo dezesseis pessoalmente, e duas através do telefone.

No término das decupagens das entrevistas se deu início à elaboração do livro-reportagem de perfil traçando paralelos entre as falas das fontes com os dados obtidos nas pesquisas. Em relação às narrações dos episódios foi priorizada a fluidez dos diálogos no que diz respeito a evitar referências contínuas, e unir pontos de vistas diferentes para gerar uma conversa entre as vozes dos entrevistados.

CONCLUSÃO

A partir dos pontos de vistas pessoais de cada entrevistado foi possível detectar que, de modo geral, existe um espectro relativo ao personagem, e que sobre ele foi gerado uma perspectiva abortada a partir do que se tornou ou enveredou o jornalismo atual.

É possível ainda estabelecer com as fontes uma observação referente ao que acontece, de fato, do que acontece com o tempo e como ele acaba sendo o martírio da memória, pois ela é quem se dissolve nos anos tornando o homem incapaz de reobtê-la. O que ficam são momentos do que se passou. Ficam as histórias sobre uma época, mas não sobre um contexto em si.

Ainda compreendeu-se o fato de que é pretensão do ser humano estabelecer uma verdade sobre o outro. Não por falta de conhecimento, mas pelo simples objeto em questão ter uma inter-relação com uma complexa rede de núcleos pessoais, que no caso vão desde familiares a amigos e colegas de trabalho.

A contradição sobre o tempo e o contexto é também a mesma no que diz respeito à linguagem decorrente dos estudos bibliográficos deste livro, pois quando se passa da reportagem de jornal para esta nova forma de jornalismo, descobre-se que a unidade fundamental do trabalho já não é o fato, mas a cena. E a biografia talvez seja a expressão máxima do jornalismo literário em tempos mais recentes.

Penso no perfil como uma forma de escapar dos moldes apertados dos sistemas de categorização, alargando o horizonte dos gêneros. Assim, jornalismo, literatura e história são os elementos que compõem essa linguagem, e que é peça fundamental no processo em que o jornal, o texto literário e o histórico se cruzam.

PRODUTO

O produto final possui 53 páginas, 8 capítulos e abaixo segue a sugestão de capa mais a primeira parte do livro reportagem.



Fig. 1: sugestão de capa – fotografia produzida por Renata Cabrera

A MORTE DE UM MALUCO BELEZA

Joinville, Santa Catarina, inverno de 1995.

É fim de tarde e o Caderno Local ainda não foi fechado. Parece que o novo repórter chegou da rua há poucos minutos, afobado e com a matéria de capa na mão. – E ai, o que manda? Grita o editor-chefe bigodudo lá de dentro do aquário. Tem pouco tempo para escrever, mas, a bem da verdade, tempo nunca foi problema para um bom jornalista. Não para o nosso foca que andava deslumbrado com o emprego novo.

À beira mar, o vento frio está forte e é época de tainha, um peixe bastante tradicional na região. Para qualquer quarentão que estivesse há pelo menos dez anos naquela Redação, essa coisa da tainha passaria despercebida, mas não ao rapaz recém-chegado do Paraná e que, cheio de perspicácia, foi logo notando as peculiaridades do lugar e a cultura local. Apaixonou-se pela ideia de como se pesca a tainha, o ritual e a espera, todo o folclore e a forma artesanal.

Bem, se não fosse trágica, a biografia podia começar bonita assim, mas a cena é outra. Não existe o jovem repórter, a pressão do fechamento, a matéria de capa e, tampouco, o editor-chefe bigodudo. Mas, abrir uma narração falando sobre tainha parecia suculento e, acima de tudo, criativo. Coisa que nosso personagem prezava muito.

Como nem tudo é ficção, sim, fazia frio naquele nove de julho e era temporada de tainha. O Hospital ficava longe da redação e, por isso, não dava para dar as caras toda hora, ainda que o jornal tivesse liberado um carro para quem quisesse visitá-lo.

Naquele regime desgraçado, ator que só ele e um cara de argumento sedutor, pediu para buscar uma Coca-Cola. Dizia: – De que adianta passar quatro dias a seco, ou dois dias a menos, e tomar um refrigerante?

Ao contrário de se entregar, embora soubesse qual era o fim, Jerê pôs-se a contar uma história. Como de costume, tinha essa mania de reproduzir a cena. Na fala, sempre gesticulava bastante. E no texto, ampla riqueza de detalhes que muito comumente qualquer jornalista deixaria escapar.

Naquele momento, com a fala custosa, imitava o entrevistado. Se o pescador havia mostrado para ele que tinha de pegar a tainha assim, cortar assado, descamar dessa forma, com a mão espalmada, explicava. Talvez, até de forma alegórica, essa tenha sido a última reportagem do Jerê, feita verbalmente, mas, sem dúvida, descrevendo uma conversa que ele teve à beira-mar.

Explicava que a cabeça da tainha tinha de ficar do lado contrário e onde é que deveria se cortar a barriga. Punha um sabor que você o percebia antevendo o gosto da tainha na boca, mesmo naquela cama de hospital. Apesar de tudo, havia essa esperança, esse apego.

Ele morreu no dia seguinte e, antes disso, já estava sedado. Foi a última conversa do Jerê junto ao Joel, amigo com quem trabalhou na Folha de Londrina e, mais tarde, no jornal A Notícia, em Joinville, levado pelo próprio Jerê. Ali foi a última Redação pela qual nosso personagem passou.

Nas idas e vindas do Jerê - mais na ida que na vinda -, conheceu um amigo chamado Apolo. Um cara mais velho, mais calmo e tão maluco quanto. Dias atrás encontrei com o Apolo. Reflexivo, disse que a bebida até podia ser uma válvula de escape, inquietações, dores submersas que, às vezes, as pessoas têm, mas não revelam. Seja bebendo, se drogando ou fazendo qualquer outra bobagem para tornar o sofrimento mais tolerável. São

sintomas e mecanismos de defesa. Às vezes, carrega-se uma dor que existe, mas a pessoa nem sabe. É indecifrável e não simbolizada.

Não vou falar muito desses amigos malucos porque a eles dedicarei especialmente um capítulo. E antecipo: mesmo se esse capítulo parecer triste, vale insistir na leitura. Juro que o Jerê podia ter morrido até de outras causas, mas nunca teria sido de tristeza.

Um desses amigos, e daqueles BONS, era o Bernardo. Ele acha mesmo é que o Jerê era um cara indignado! E aí gastou! Morreu! Viveu que nem carvão! E não existe jeito certo de viver, nem errado. Tudo o que se faz - qualquer deslocamento - é um risco! O erro é um ponto de vista e as coisas sempre partem de um pressuposto de que vida é organizada sob um sistema.

Sabe uma daquelas jornalistas bonitonas, workaholics? daquelas que ficam grávidas e tem o filho saindo do jornal? Pois é. A Elvira ficou sabendo que o Jerê não andava nada bem. E são essas jornalistas bonitonas e que trabalham muito, que ficam sabendo das coisas sempre em primeira mão. E essa daí gostava de um ‘furo jornalístico’. Não fosse esse um ‘furo’ dos melhores, mas ligeira que só ela, a Elvira ligou na Prefeitura de Joinville e apanhou o telefone do hospital que o Jerê estava. – E ai, como é que cê tá? –Iiii, as coisa não tão muito boas, não... – E quando é que cê vem pra cá? – Tô achando que eu não vou... Não vou mais. O Pablo, um dos filhos mais velhos do Jerê, disse para Elvira que ela foi a última pessoa a falar com ele por telefone. A moça trabalhadeira foi para São Paulo bem naquela semana. Quando voltou, o Jerê já tinha sido enterrado.

Alguns têm sorte e outros escapam. 25% dos alcoólatras em geral, morrem de cirrose mesmo. Os outros morrem de outras coisas: de “bar”, de brigas, histórias mal resolvidas. Um cara arruma uma confusão num bar e leva uma facada, por exemplo. Se o fulano é um chato, isso pode acontecer... Mas, o Jerê não era um chato.

A bebida nunca atrapalhou a personalidade do Jerê. Ele ficou abatido, mas não deu tempo de ficar diferente. Ficou enfraquecido, lógico, mas o interessante é que – A cirrose não dói.

Para afirmar uma coisa dessas, só quem tem experiência de bar. E experiência com bebida só tem médico que cuida de ‘quem gosta da coisa’, ou os ‘bão de copo’. Não encontrei com nenhum amigo médico do Jerê, apesar de que, nos últimos tempos, quando ele ficava bravo, se alguém dissesse para beber menos, dizia – Eu fiquei amarelo e meus amigos todos brancos. Todo mundo virou médico agora! Jota Oliveira, amigo do Jerê, era um desses que não era médico. Era ‘bão de copo’.

A morte do Jerê veio num sábado, pelo telefone, na Redação. Era esperado, mas todo mundo ficou chocado. Às vezes, ele deixava de almoçar e não comia direito. Bebia à tarde...

Há quem diga que chega um momento em que a bebida “ cobra”, mas ninguém podia falar nada, pois eram outros tempos e todo mundo bebia. Como é que ia falar? O Ricardinho, amigo e cria do Jerê no jornalismo, trabalhava no Jornal de Londrina e acordou de ressaca naquela manhã. Quem atendeu ao telefone foi a esposa dele, quem deu a notícia.

No livro de dois médicos, “O Gatilho que sempre dispara”, tem uma história que diz que num grupo de pessoas (dez pessoas, por exemplo), uma ou duas têm a propensão para – Olha o caso do Leminski, relembra Capucho, escritor, amigo de bar e de jornalismo do Jerê.

Pois bem, eu poderia até ficar aqui discursando logo no primeiro capítulo sobre as aventuras - e também as desventuras - do Jerê, mas assim como o Pablo, filho mais velho do Jerê, eu não tenho problemas em falar: a causa da morte foi cirrose, insuficiência do fígado.

E como é normal, depois de tanto tempo, até quem morre de cirrose acaba virando santo! Eu ‘conheço’ pouco o Jerê, mas sei que se tem uma coisa de que ele não ia gostar nada era ser chamado de santo. Nem de santo, nem de Jeremias! O Jerê era diabético e teve uma hepatite, ou seja: **ESQUECE A BEBIDA ALCÓLICA!**

No ‘pega’ da hepatite, deu conflito total para o fígado e o órgão ficou uma gelatina. O Pablo teve hepatite quando tinha uns onze anos. Era muito repouso e encher a cara de coisa com açúcar. Não coisa gordurosa, mas coisa doce, tipo caldo de cana. Agora, imagina só se o cara é diabético, como é que vai tratar a hepatite? Depois de um mês internado, ele não resistiu.

Conversando com o Pablo outro dia, ele comentou que hoje já está superado. Sabe, Pablo, é como você disse, teu pai era um cara da COMUNICAÇÃO, e não dá para fingir que a coisa não é com você! E se sua mãe às vezes chora, não esquentar! A gente não tem como controlar os sentimentos das pessoas.

– Pô! Os caras me trouxeram aqui para trabalhar e eu vim aqui pra ficar doente? Indignado e sempre trabalhando, o Jerê ia dar a volta por cima. Virou editor! Era um cara bom!

O problema é que o Jerê era muito refratário às recomendações médicas, burlava tudo! Nunca mudou o estilo de vida e os hábitos. Devia beber escondido. Até o Fisher, um

alemão fechado, tem bastante saudade do Jerê. Faz falta na cidade, na noite e, principalmente, no jornalismo.

Na década de noventa, começo da informatização, começaram a pegar no pé do Jerê com cheiro, hálito... Ele tinha um problema de pele e tomava cortisona. Era muito branco e tinha uma cara meio avermelhada. Mais tarde, em Joinville, ficou meio amarelado.

A saída dele de Londrina foi estranha. A morte, triste! E no sábado daquele julho de noventa e cinco, o Fisher, o alemão fechado, como editor do Local teve de ‘manchetar’ a morte do Jerê para o jornal do domingo. E sobre o cara mais maluco, a única saída foi tratar aquilo da maneira mais sóbria possível.

Na Redação da Folha, um espectro consumido no ar. Foi-se Jerê, e sob a tristeza pairada, ninguém conseguiria sustentar a matéria. Alessandra, recém-formada, quase não tinha convivido com o jornalista e se solidarizou junto aos colegas, acabou oferecendo a mão-de-obra. Em Joinville, o pai da foquinha trabalhava no A Notícia, junto com Jerê. Tamanho acaso? Talvez... O fato é que depois de tanto tempo, Alessandra mal fazia ideia do valor que teria um texto seu, escrito há quase vinte anos atrás.

Engana-se quem acha que ‘destilado’ é o suficiente para carimbar esse figurão! Mas assim como um bom whisky, ele fazia um jornalismo puro. E aos bem-sucedidos de plantão, os picaretas e ‘medalhões’, como ilustraria o japa Akio - outro da família - muita gente ainda prefere estar deste lado, com os ‘mal influenciados’.

Alguns não estavam em Londrina na morte do Jerê e, às vezes, é melhor ter aquela memória dele bem, animado, e dizendo que estava se recuperando. Mas chega um ponto em que é complicado... E como bem afirmou Zé Ganchão, Jerê era maluco, sim. Um ‘maluco beleza’, que morreu igualzinho ao Raul!

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luis. **Sociedade de massa: comunicação e literatura**. Meios de comunicação social, 7. Série Ensaios, 2. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. Rio de Janeiro: Vozes 2006

COIMBRA, Oswaldo. **O Texto da Reportagem Impressa: Um curso sobre sua estrutura**. Volume 95 de Serie Fundamentos. São Paulo. Ática S.A.: 1993

GEHLEN, Joel. **Outono do Meu Tempo**. Joinville: Letradágua, 2006.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 2000

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Editora Manole, 2003.

MARINÓRIO, Filho / MARINÓRIO Neto. **História da Imprensa de Londrina: do baú do jornalista**. Londrina: Unidade - Coordenadoria de Pesquisa e Pós Graduação, 1991.

MORAES, Letícia Nunes de. **Cartas ao Editor: leitura da revista Realidade (1966-1968)**. Coleção história social. Série teses. São Paulo: Alameda, 2007

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. Tradução Luciano Vieira Machado. Jornalismo Literário. São Paulo. Companhia das Letras. 2004.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. Comunicação. São Paulo: Paulus, 2005.

VICENTE, Edson. **Baixa Sociedade**. Série 'Crônicas de Londrina'. Londrina, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. Novas buscas em comunicação, volume 69. São Paulo: Summus, 2003.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Tradução José Rubens Siqueira; posfácio Joaquim Ferreira dos Santos. São Paulo. Companhia das Letras. 2005.